

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

JACQUELINE DE OLIVEIRA MATIVE

**ESTUDO DO USO DE FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS
PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL INDÍGENA *KARÁ NHE'E KATU***

Porto Alegre

2008

JACQUELINE DE OLIVEIRA MATIVE

**ESTUDO DO USO DE FONTES DE INFORMAÇÃO PELOS
PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL INDÍGENA *KARÁ NHE'E KATU***

Trabalho apresentado como pré-requisito para a aprovação na atividade de ensino de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann
Vice Reitor: Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretor: Valdir José Moriji
Vice-diretor: Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Iara Conceição Bitencourt Neves
Chefe-substituta: Marlise Maria Giovanaz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA
Coordenadora: Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Coordenadora-substituta: Maria Lúcia Dias

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M425e Mative, Jacqueline de Oliveira

Estudo do uso de fontes de informação pelos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena Karáí Nhe'e Katu / Jacqueline de Oliveira Mative; orientadora Lizete Dias de Oliveira.– 2008. – Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

70 f.

1. Biblioteconomia. 2. Oralidade e Tecnologias de Informação e Comunicação. 3. Serviços de Informação em Comunidades Indígenas I. Oliveira, Lizete Dias de. II. Título

CDU 027

Departamento de Ciências da Informação
Rua: Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana, Porto Alegre, RS
CEP: 90035-007
Fone: (51) 3308-5146
Fax: (51)3308-5435
E-mail: fabico@ufrgs.br

Agradeço a Deus por ter me guiado e fortalecido por mais este caminho. Agradeço a minha família e amigos pelo apoio e compreensão com minhas ausências. Agradeço a minha orientadora por seu apoio e incentivo. Agradeço aos *Mbyas e Juruas* da *Tekoa Nhundy*, por terem aceitado e colaborado com a realização deste estudo.

RESUMO

Este estudo de caso de natureza quali-quantitativa buscou identificar as fontes de informação materiais e intangíveis utilizadas pelos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena *Karáí Nhe'é Katu*, localizada na Comunidade *Nhundy* da etnia Mbyá-guarani, na Terra Indígena da Estiva no Distrito de Capão da Porteira, zona rural da cidade de Viamão. A pesquisa teve seu foco no contexto da comunidade e da escola. Os dados foram coletados através de questionários e observações dirigidas e assistemáticas. O uso das fontes materiais foi levantado a partir dos materiais disponíveis no acervo, frequência e satisfação. A identificação do perfil foi baseada em características como idade, sexo, nível de formação e especialização, domínio de línguas. As necessidades de informação foram analisadas com os dados dos hábitos de busca e as finalidades dos mesmos. Os modos como são transmitidos os saberes e a produção de material paradidático serviram de dados para as formas de registro e transmissão dos saberes da cultura Guarani que tem uma tradição de oralidade. Foi levantado também o conhecimento, acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. A análise dos dados quantitativos foi realizada através de percentuais, representados em tabelas, gráficos e textos. Os dados qualitativos foram analisados através das respostas dos professores. Também foi realizado o levantamento de sugestões dos professores para serviços de informação que atendam as necessidades informacionais e encaminhada sugestão da autora para realização de projeto de serviço de informação indígena ou biblioteca escolar indígena com telecentro rural.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes de Informação. Oralidade e Tecnologias da Informação. Serviços de Informação em Comunidades Indígenas.

ABSTRACT

This study of case of qualitative and quantitative nature it searched to identify the material and intangible sources of information used by the professors of the State School of Basic Education Aboriginal Karaí Nhe´e Katu, located in the Nhundy Community of the ethnicity mbyá-guarani, Aboriginal Land of the Stowage in the District of Capão da Porteira, agricultural zone of the city of Viamão. The research had its focus in the context of the community and the school. The data had been collected through questionnaires and directed and assystematics comments. The use of the material sources was raised from the available materials in the quantity and the frequency and satisfaction. The identification of the profile was based on characteristics as age, sex, level of formation and specialization, domain of languages. The information necessities had been analyzed with the data of the search habits and the purposes of the same ones. The ways as are transmitted to know them and the production of material for didactic had served of data for the forms of register and transmission of knowing them of the Guarani culture that has an orality tradition. It was also raised the knowledge, access and use of the Technologies of the Information and Communication. The analysis of the quantitative data was carried through through represented percentages and in tables, graphs and texts. The qualitative data had been analyzed through the answers of the professors. Also the survey of suggestions of the professors for information services was carried through that take care of the informational necessities and directed suggestion of the author for accomplishment of project of service of aboriginal information or library agricultural aboriginal school with telecentre.

KEY-WORDS: Sources of Information. Orality and Technologies of Information and Communication. Services of Information in Aboriginal Communities

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de Consulta a Fonte Membros da Comunidade.....	45
Gráfico 2: Frequência de Consulta a Fonte Colegas.....	45
Gráfico 3: Frequência de Consulta a Fonte Internet.....	46
Gráfico 4: Finalidade(s) das Últimas Buscas por Informação.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Idade e Sexo dos Professores.....	40
Tabela 2: Professores com Pleno Domínio de uma ou mais Línguas.....	41
Tabela 3: Frequência de Uso das Fontes de Informação.....	42
Tabela 4: Grau de Satisfação com as Fontes de Informação.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE – Biblioteca Escolar

CD – Compact Disc

CRE – Coordenadoria Regional de Ensino

EAD – Educação Aberta e à Distância

EEEFI Karáí Nhe´e Katu – Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena Karáí
Nhe´e Katu

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IFLA – Federação Internacional de Associação e Instituições Bibliotecárias

MEC – Ministério da Educação

RS – Rio Grande do Sul

SAEB – Sistema de Avaliação de Educação Básica

SAER – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar

SEC – Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Contexto do Estudo	13
1.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena <i>Karáí Nhe´é Katu</i>.....	16
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1 Aldeias Guarani	21
2.2 Oralidade e Identidade Cultural	23
2.3 Educação Indígena.....	25
2.3.1 Formação de Professores Indígenas.....	26
2.4 Informação	28
2.4.1 Necessidade de Informação	29
2.4.2 Uso da Informação	30
2.4.3 Serviços e Produtos de Informação para Comunidades Indígenas.....	32
2.4.4 Ações de Cultura e Informação Indígena no Brasil	34
3 METODOLOGIA	36
3.1 Modelo de Pesquisa.....	36
3.2 Sujeitos da Pesquisa.....	36
3.3 Instrumentos de Coleta de Dados.....	37
3.4 Plano de Análise.....	38
3.5 Limitações do Estudo	38
4 ANÁLISE DOS DADOS	39
4.1 Perfil dos Professores	40
4.2 Frequência de Uso e Grau de Satisfação com as Fontes de Informação.....	41
4.2.1 Frequência de Uso das Fontes de Informação	42
4.2.2 Grau de Satisfação com as Fontes de Informação.....	43
4.3 Necessidades de Informação	45
4.3.1 Satisfação das Necessidades de Informação	48
4.4 Meios de Registro e Armazenamento da Cultura Imaterial.....	48
4.5 Conhecimento e Uso de Tecnologias de Informação e Comunicação	50
4.6 Sugestões	51
5 RESULTADOS OBTIDOS	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54

REFERÊNCIAS.....	56
GLOSSÁRIO DE PALAVRAS GUARANI	60
APÊNDICE A - Roteiro Observação Semi-dirigida- SEC	61
APÊNDICE B - Roteiro Entrevista Semi-estruturada: Escola	62
APÊNDICE C -- Questionário.....	63
APÊNDICE D- Imagens da Escola e da Aldeia.....	69

1 INTRODUÇÃO

Existem hoje no Brasil em torno de 220 povos indígenas, falantes de 180 línguas, com uma população aproximada de 400 a 500 mil índios em terras indígenas. À época do “Descobrimento” estima-se que habitavam aproximadamente 1.200 povos com uma população de milhões de pessoas (Luciano, 2006). Ao ser colonizada, a América Latina sofreu um genocídio de milhões de pessoas e o extermínio de centenas de línguas e culturas. Somente com a Constituição Federal de 1988, quatro séculos após o Descobrimento, as comunidades indígenas brasileiras tiveram reconhecido o seu direito à permanecer nas terras tradicionalmente ocupadas pelos seus ancestrais, direito a sua forma de organização social, seus costumes, línguas, crenças e tradições e todas as manifestações que expressem as características culturais destas sociedades.

Nesse processo, a escola, uma instituição ocidental, foi utilizada como forma de dominar, impor, escravizar e acabar com as referências culturais de povos que possuem pedagogia e culturas próprias. Conforme Bergamaschi (2007, p. 122) a Igreja Católica institucionalizou a escola na América com os missionários católicos “[...] que marcaram de forma indelével a história dos povos indígenas, pois, por mais de 400 anos, foram as únicas iniciativas escolares conhecidas entre os povos ameríndios.”

Apesar de não existir na organização social dos indígenas nenhuma instituição como a escola, a educação e a transmissão do conhecimento sempre existiram, de uma forma informal e não institucional. Sobre a pedagogia das comunidades indígenas Meliá (1999 p.12), observa que:

Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas.

Ainda, segundo Meliá (ibidem, p. 13), a pedagogia indígena envolve as relações do grupo em torno da língua, da economia e o parentesco, como segue:

A ação pedagógica tradicional integra sobretudo três círculos relacionados entre si: a língua, a economia e o parentesco. São os círculos de toda cultura integrada. De todos eles, porém, a língua é o mais amplo e complexo. O modo como se vive esse sistema de relações caracteriza cada um dos povos indígenas. O modo como se transmite para seus membros, especialmente para os mais jovens, isso é a ação pedagógica.

Freire (2004) analisa que a desqualificação da cultura indígena perdurou por quase cinco séculos, sendo que o antropólogo Lévi-Strauss, que desenvolveu grande parte de sua teoria baseado em sua experiência entre os índios Bororo, do Brasil, descreveu como várias etnias conceitualizavam sua visão de mundo e faziam filosofia.

O presente estudo apresenta uma pesquisa realizada com professores da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Karáí *Nhe´e Katu* (EEEFI Karáí *Nhe´e Katu*) buscando identificar o perfil dos professores, a frequência de uso e o grau de satisfação com as fontes de informação, os meios de registro e documentação da tradição oral e da produção cultural da comunidade e o acesso e conhecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs.).

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) insere-se dentro do campo científico da Ciência da Informação, que tem como objeto o estudo da informação. A informação é estudada em três áreas: a gênese e produção da informação; a organização e seus processos de transferência e recuperação; e o comportamento informacional, incluindo nele a geração de conhecimento. Entre as atribuições do profissional da informação estão as de disponibilizar a informação em qualquer suporte, disseminar a informação para facilitar o acesso e a geração do conhecimento.

A realização deste estudo, além da justificativa científica, de buscar um avanço no conhecimento sobre as escolas indígenas, tem também um interesse pessoal. Como afro-descendente, partilho com os indígenas uma trajetória de exploração através da mão-de-obra e da tentativa de aniquilamento de nossas culturas por vários séculos neste país. Neste processo fomos todos colocados dentro de categorias absolutas e ao mesmo tempo redutoras, como “africanos” ou “indígenas”, desconsiderando as estruturas e construções sociais, culturais e econômicas tradicionalmente existentes em nossas sociedades.

Como estudante de uma universidade pública e gratuita, mantida por toda sociedade brasileira, tento honrar esse merecimento através do compromisso de

desenvolver essa pesquisa de cunho social, esperando que os resultados possam levar uma melhoria da qualidade de vida de outros cidadãos que estão excluídos dos vários programas sociais promovidos pelo Estado Brasileiro.

Especificamente, no caso desse estudo, a um dos segmentos da sociedade com pouca possibilidade de acesso à informação adotamos como balisa a proposta do III Encontro Internacional Sobre Acesso à Informação e Promoção de Serviços Bibliotecários em Comunidades Indígenas da América Latina, organizado pela Federação Internacional de Associação e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), realizado na cidade de São Paulo, em março de 2008, onde a autora participou como ouvinte, atendendo a orientação de documentar e sistematizar experiências concretas de serviços bibliotecários em comunidades indígenas da América Latina.

1.1 Contexto do Estudo

A comunidade da *Tekoá Nhundy* da etnia Mbyá Guarani está situada na Aldeia da Estiva, Distrito de Capão da Porteira, no município de Viamão, Rio Grande do Sul, em uma área de aproximadamente sete hectares. A maioria dos membros da comunidade é proveniente da Terra Indígena da Guarita, no município de Tenente Portela, de onde vieram em 1998.

A escola Karaí Nhe´e Katu, que foi uma solicitação da própria comunidade, está situada próxima à estrada RS 040-KM 116. Seu prédio foi construído em uma parceria entre o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura Municipal de Viamão. Em 2001 a escola foi inaugurada, atendendo o ensino fundamental e o ensino de adultos dentro do projeto “Alfabetiza Rio Grande” da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEC) que contempla a alfabetização de pessoas acima de 15 anos, tanto das zonas urbana como rural .

A comunidade tem a aspiração de ser habilitada para o Programa Escola Aberta promovido pelo Ministério da Educação (MEC), um projeto que funciona aos finais de semana nas escolas, buscando explorar os talentos da comunidade, e oferece oficinas, atividades lúdicas, acesso à cidadania, aproxima a comunidade

escolar ao seu entorno, além de promover a visibilidade das mais variadas manifestações culturais. Este programa pode ainda gerar renda, pois existem oficinas remuneradas e voluntárias o que iria colaborar para a manutenção de toda a comunidade.

O comércio para os Guarani não tem um caráter capitalista, mas sim uma troca, pois não possuem o hábito de juntar dinheiro, e sim trocar o suficiente para as suas necessidades. Financeiramente, a comunidade é mantida com o salário dos professores indígenas, com a venda de artesanato em feiras na cidade de Porto Alegre ou quando são convidados para eventos culturais.

Outra fonte de renda é a venda de um *compact disc (CD)* intitulado *Yvu Ju*, que significa Caminho da Terra sem Males. Esse disco foi gravado pelo Grupo *Nhamandu Mirim*, um dos dois grupos corais da comunidade. Nesses grupos desenvolvem atividades com músicas e danças da cultura Guarani. No CD a *Kunhã Karaí* (chefe espiritual) Laurinda Krexu relata a importância da música para os Guarani. Segundo os saberes dos mais velhos, a atividade física fortalece os pulmões e melhora o fôlego para o canto. A comunidade não possui uma área específica para a prática de esportes. O esporte preferido pela comunidade é o futebol.

A comunidade é formada por aproximadamente cem pessoas, a grande parte composta por jovens e crianças, pois a maioria dos mais velhos mudou-se para a Aldeia de Itapuã. Os mais velhos que permaneceram na comunidade falam, na maioria, apenas a língua materna. Na comunidade, aproximadamente, cinquenta pessoas freqüentam a escola indígena ou o anexo da Escola Estadual Canquerini, onde cursam o Ensino Médio na aldeia, o que faz com que mais de 50% da comunidade esteja freqüentando a escola, ou seja, estão em processo de escolarização. Entre os doze professores da escola, três são indígenas. A densidade populacional na comunidade é um dado difícil de quantificar devido a característica da mobilidade do povo Guarani, que muda para outras aldeias ou esta periodicamente voltando. Houve épocas em que a aldeia era habitada por mais de cem moradores.

A área que ocupam é muito pequena e não possui rio, ou mata onde possam pescar ou caçar para sua subsistência. O plantio é realizado em várias áreas, na horta da escola, na horta comunitária e em outras plantações individuais ou experiências comunitárias. As terras da aldeia foram arborizadas pela comunidade,

com a participação dos funcionários da escola, pois quando chegaram a terra não estava preparada e nem possuía plantações.

As técnicas agrícolas são variadas. Em alguns espaços utilizam as técnicas tradicionais e em outros as dos *juruás* (não indígenas). Assim, o grupo observa e discute qual das culturas obtém o resultado que estão buscando. Atualmente a comunidade participa da elaboração de um projeto junto com agrônomos para o plantio de sementes.

Na aldeia existe um posto médico que é atendido pelo Programa de Saúde Indígena. A maioria das casas de moradia precisa ser reconstruída, pois algumas estão em situação de extrema precariedade e não possuem banheiros sanitários. A água foi canalizada com poços artesianos. Há luz elétrica na escola, posto de saúde, cozinha e salão comunitários e na maioria das casas.

As decisões e autorizações são tomadas pelo Cacique e pela comunidade. Inicialmente apresentamos o projeto deste estudo à diretora da escola, professora Marlize Garcia Santos, que encaminhou a solicitação ao cacique. Posteriormente, recebemos a autorização para a realização do estudo e mantivemos a mesma dinâmica durante o desenvolvimento do trabalho.

O Cacique Zico é aluno da Faculdade IPA-Methodista em Porto Alegre onde cursa a Graduação em Enfermagem. Na sua ausência, quando existe necessidade de alguma decisão que tenha que ser tomada imediatamente, a consulta é feita a sua mãe.

Possuem uma associação de moradores Associação Guarani *Pavê Nhembaéapo*, presidida pelo professor indígena Eloir de Oliveira, através da qual buscam alternativas para melhoria das condições de qualidade de vida e fortalecimento da cultura e das tradições do povo Guarani. A Associação encaminhou o projeto Teko Nhemombaraeté – Fortalecimento da Cultura, ao Concurso do Prêmio Culturas Indígenas 2007 do Ministério da Cultura que premia iniciativas de fortalecimento da cultura indígena e onde foram um dos contemplados. O valor do prêmio será utilizado para a construção de uma nova *Opy* (casa de rezas) semelhante as antigas *Opys*, construída da forma tradicional indígena, com materiais retirados da mata disponibilizados por outras aldeias, pois não possuem mata nativa. A atual *Opy* é pequena para comportar toda a comunidade. Alguns Guarani mais jovens, não estão participando de todas as atividades religiosas sob a alegação da falta de espaço na *Opy*. A comunidade entende que a construção desse

espaço adequado é importante na medida em que servirá como um centro dos saberes, onde os mais velhos se reúnam e que possam também transmitir sua sabedoria, onde as parteiras possam orientar as mulheres mais novas que elas devem dar a luz na aldeia, como sempre foi feito por suas ancestrais, ou seja, um lugar onde aconteça a educação indígena transmitida pelos seus velhos.

Outro aspecto de sua cultura que pretendem recuperar é o ensino da técnica de confecção de violinos, uma tradição dos Guarani introduzida em sua musicalidade pelos jesuítas no tempo das missões. Atualmente a comunidade precisa buscar em outras aldeias essa técnica que se perdeu entre seus integrantes. Uma nova *Opy* poderá ainda ser utilizada para encontros com outras comunidades indígenas. Pela tradição religiosa, as *Opys* são locais reservados somente aos indígenas.

No período de 18 a 21 de abril de 2008 promoveram na aldeia o II Encontro com a Cultura Guarani, com a participação de aldeias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o encontro foi aberto à todos e teve a participação de aproximadamente trezentas pessoas indígenas e *jurua's*.

A aldeia recebe nas férias de verão um Projeto de Extensão da Escola Marista Graças de Viamão, onde alunos e professores ficam acampados na aldeia durante uma semana para a realização de atividades lúdico-pedagógicas com as crianças e jovens.

1.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental Indígena *Karai Nhe'e Katu*

A escola possui doze professores indígenas e *jurua's*, funciona nos turnos manhã e tarde e cumpre o calendário oficial da SEC. Está localizada em um prédio amplo de alvenaria com três salas de aula, cozinha e banheiros. Em um prédio anexo localiza-se a direção da escola e uma sala para reuniões e desenvolvimentos de atividades.

A diretora da escola Marlize Garcia Santos é *jurua*. Quando foi convidada pela comunidade para dirigir a escola, trabalhava na Escola Estadual Canquerini, próxima à aldeia, onde já tinha contato através dos trabalhos que eram desenvolvidos na comunidade. A diretora relatou que inicialmente ficou assustada

com o desafio, pela diferenciação da escola em relação à outras em que tinha trabalhado. A comunidade e os professores elaboraram conjuntamente tanto o Regimento da Escola, como o Projeto Pedagógico para a implantação da escola. A diretora relata que uma das condições básicas de permanência na escola é que os professores devem estar comprometidos com a filosofia proposta no projeto pedagógico, pois caso a comunidade não perceba esta identificação, ele não permanece na escola.

Segundo relato da coordenadora da Educação Rural e Indígena da SEC, Jeni Jussara Rech, em um encontro realizado na escola EEEFI *Karáí Nhe´e Katu*, que reuniu professores que cursam o Curso de Magistério Indígena da Região Sul e Sudeste do Brasil, representantes de escolas indígenas do Rio Grande do Sul e alguns coordenadores regionais da SEC: a escola *Karáí Nhe´e Katu* “[...] é referência para outras escolas Guarani, pois atende a proposta de escola diferenciada e bilíngüe, os professores estão elaborando materiais paradidáticos específicos e existe a participação conjunta da comunidade”.

Neste encontro, realizado em 15 de maio de 2008, foram avaliadas as atividades do curso que irá formar estes professores indígenas e a elaboração dos materiais paradidáticos e a realização do estágio curricular obrigatório. Realizamos uma visita conhecendo a aldeia onde foi possível verificar o quanto a comunidade e escola estão se empenhando em desenvolver ações que mantenham a sua cultura e melhorem sua qualidade de vida.

Todos os alunos da escola pertencem à comunidade. Os jovens que cursam o Ensino Médio freqüentaram por dois anos a Escola Estadual Canquerini, próxima a comunidade, porém não se adaptaram. A comunidade solicitou, então, que a SEC autorizasse que os professores daquela escola viessem à aldeia para ministrarem as aulas nas dependências da EEEFI *Karáí Nhe´e Katu*. Assim, existe uma turma que, no período da tarde funciona como um anexo da Escola Estadual Canquerini, cursam o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio.

O ingresso na escola é feito por iniciativa da família que tem a liberdade de decidir quando a criança deverá começar a freqüentá-la, uma vez que os pais estão sempre educando seus filhos no cotidiano com suas narrativas e pedagogias próprias da cultura. Desta forma, as turmas têm idades variadas, sendo que algumas atividades específicas podem ser ministradas simultaneamente para dois grupos de etapas diferentes devido ao número reduzido de alunos, que freqüentam a escola

por interesse e iniciativa próprios. Durante as visitas foi possível observar um clima de tranquilidade que reina na escola.

Os pais e a comunidade possuem livre acesso à escola, assim como as atividades escolares também podem ser realizadas tanto na escola como em outros locais da comunidade, conforme a necessidade dos professores ou dos alunos.

Nas séries iniciais a alfabetização é feita exclusivamente na língua Guarani. A professora indígena, além da alfabetização em Guarani, também ministra aulas de língua portuguesa.

De acordo com o Projeto Pedagógico os objetivos da EEEFI *Karaí Nhe´e Katu* são:

Propiciar o desenvolvimento de um cidadão participativo, questionador e consciente de sua função na sociedade. Possibilitar a comunidade indígena informações e reflexões sobre a natureza, a vida social e mistérios da existência humana. Desenvolver a língua materna da comunidade na escola, para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações, oportunizando a aprendizagem de novos conhecimentos, ampliando assim seu vocabulário.

A proposta de filosofia da escola:

A Escola sendo espaço de formação e desenvolvimento do indivíduo proporciona um ensino contextualizado, que trabalha a identidade das nações indígenas e seu referencial histórico, preparando o índio para ser cidadão, valorizando sua cultura e formação de liderança.

As características das escolas indígenas são as observadas por Bergamaschi (2005, p. 269) no estudo realizado em aldeias Guarani do Rio Grande do Sul:

- a) escola bilíngüe: Guarani-português;
- b) escola bi-cultural: escola que vivencia a cultura Guarani e oferece informações da sociedade não indígena, do *juruá reko*;
- c) escola que respeita decisões, ritmo de vida e tempos de cada pessoa em particular;
- d) escola que a pessoa frequenta se tiver vontade, se decidir frequentar: ninguém pode obrigar um Guarani ir à escola;
- e) é uma escola integral, que não segrega saberes e fazeres, idades e pessoas, tempos e espaços.

A escola não possui biblioteca, o acervo é composto de materiais didáticos, obras de referências, algumas monografias acadêmicas, materiais paradidáticos, sendo que a maioria foi elaborada pelos próprios professores, estão elaborando vários materiais paradidáticos que iram necessitar de recursos financeiros para a impressão. Os alunos do Ensino Médio também estão desenvolvendo atividades em cooperação com os professores da EEEFI *Karáí Nhe´e Katu* para a elaboração de materiais pedagógicos para o ensino fundamental.

A escola, com sua proposta específica e diferenciada de processo de aprendizagem tem alcançado os seus objetivos, conforme verificou-se nas provas aplicadas pelos avaliadores do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul. Em 2007 os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental tiveram desempenho acima da média municipal, regional, estadual e nacional nas áreas de língua portuguesa e matemática.

Médias comparadas de proficiência em matemática:

Média nacional: 181,8;

RS: 211;

CRE: 202,2;

Município: 198,1;

EEEFI *Karáí Nhe´e Katu*: 255,5.

Médias comparadas de proficiência em língua portuguesa:

Média nacional 173,0;

RS: 202,4;

CRE: 198,2

Município: 194,7;

EEEFI *Karáí Nhe´e Katu*: 218,3.

Este desempenho comprova que, embora a proposta seja diferenciada, a apropriação do conhecimento acontece de forma acima da média de desempenho das escolas nacionais. Este rendimento serve como base para a expectativa do desempenho dos alunos do Ensino Médio que, em 2009, prestarão o Exame Nacional do Ensino Médio.

A escola e a comunidade sempre que são convidados ou têm conhecimento de encontros e debates sobre a cultura e interesses indígenas procuram participar porque entendem que o fortalecimento de sua cultura e a garantia de seus direitos acontece com a participação dos próprios indígenas.

Este estudo se preocupa em atender um objetivo geral de identificar as fontes de informação materiais e intangíveis utilizadas pelos professores desta escola indígena, subdividido em cinco objetivos específicos que seguem abaixo:

- a) caracterizar o perfil do professor da EEEFI Karaí Nhe'e Katu;
- b) identificar a frequência de uso e o grau de satisfação com o uso de diferentes fontes de informação pelos professores;
- c) verificar as necessidades de informação dos professores;
- d) estudar os meios de registro e armazenamento da tradição oral e da produção cultural da comunidade;
- e) identificar o conhecimento e uso de TICs pelos professores.

Abaixo segue o embasamento teórico dos termos específicos, que são abordados neste estudo:

- a) **Escola Indígena:** aquela localizada em terras habitadas por comunidades indígenas, dando atendimento exclusivo a essas comunidades, com ensino ministrado em suas línguas maternas e com uma organização escolar própria;
- b) **Fontes de Informação:** as fontes de informação designam os tipos de meios (suportes) que contém informações suscetíveis de serem comunicadas (ARRUDA; CHAGAS, 2002, p. 99);
- c) **Patrimônio Imaterial:** as práticas, representações, expressões, conhecimentos e modos de fazer - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (BRASIL - IPHAN/UNESCO).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo será exposto o referencial teórico utilizado para o presente estudo, realizado sobre: Aldeias Guarani, Oralidade e Identidade Cultural, Educação Indígena, Uso da Informação.

Destacamos, a preferência por publicações de professores indígenas e estudos sobre este tema.

2.1 Aldeias Guarani

No Rio Grande do Sul segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) existem aproximadamente 13.448 índios das etnias Kaingang, Guarani e Mbyá-Guarani. A demarcação e legalização de alguns dos direitos garantidos na Constituição Federal de 1988 que não estão sendo cumpridos e que envolve a maioria das aldeias no estado e no país.

Os Guarani, desde os tempos históricos segundo a sua cosmovisão estão em busca da Terra Sem Mal. Esse traço principal de sua cultura lhes imprime uma intensa mobilidade. Habitam a Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai e, no Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. Deslocam-se constantemente, viajando, visitando seus parentes, participando de encontros, buscando materiais para artesanato. Algumas vezes mudam para outra aldeia. No Brasil os Guarani estão divididos em três grupos: os Mbyá, os Nãndeva/Xiripa e os Kaiowa.

A diferença entre os Guarani Mbyá e Nãndeva é expressa na fala do professor indígena Agostinho Moreira da EEEFI *Karáí Nhe´e Katu*, onde relata que atualmente os Guarani falam a mesma linguagem. Num passado recente, seu pai, falava o Chiripá, que era diferente dos Guarani. Mas como explica a seguir Agostinho, o Guarani é falado por todos, “tá tudo misturado”.

Mas só que agora, nós não temos mais diferença, tá tudo misturado. Então é isso que nós estamos vivendo agora. O Guarani é todos, Mbyá é todos, que chamam nós agora. Por isso que muitas pessoas dizem Chiripá ou

Mbyá. É Chiripá, mas falam a mesma linguagem, o mesmo dialeto que o tal do Mbyá. Então não tem como a diferença (MELLO, 2007, p. 51).

Ainda segundo Agostinho com os Guarani do Rio das Cobras, no Estado do Paraná, “lá são tudo Nhandeva”. Ou seja, Nhandeva é uma linguagem diferente.

Portanto, a autodenominação Mbyá, não define apenas uma etnia, em sua acepção mais abrangente e sim um grupo moral, que marca sua identidade pela competência em realizar uma série de princípios sociais e rituais. É um gradual que se consolidada por meio das condutas diárias, das alianças, do que se come, de como se fala, de com quem se casa e com quem se vive (MELLO, 2007 p. 59).

Conforme podemos ver na citação acima, a organização social dos Guarani é baseada em laços de parentesco, relações políticas, que configuram suas orientações religiosas e definem a identidade de cada grupo. A palavra tem uma importância fundamental para os Guarani. É Guarani quem fala Guarani. Interessante que o pai do narrador, Professor Agostinho falava o Chiripá.

Em suas *tekoas* possuem um líder espiritual *karai* (homem) ou *kunhã karai* (mulher) e um líder político, cacique. Algumas *tekoas* elegem representantes para tratarem de assuntos específicos junto aos órgãos governamentais e sociedade.

Na economia alguns adotam um sistema de troca que não é realizado somente em suas aldeias, mas em todo o espaço que compreende o território que habitam: a aldeia, as trilhas, os locais que seus ancestrais habitaram e que fazem parte da história de seus povos. A esse espaço, ao mesmo tempo temporal e simbólico, denominam *tekoa*, o local onde vivem e seguem seus costumes e tradições. A agricultura é uma de suas tradições e possuem culturas consideradas sagradas como o milho.

Segundo Luciano (2006) embora as sociedades indígenas tenham características que as identifiquem não existe um modelo de aldeia ou estrutura social único, pois conforme as relações de casamento e uniões acontecem nessas sociedades formadas por culturas vivas e crescentes existe uma grande flexibilidade e agilidade para a tomada de decisões e ações que estejam de encontro ao coletivo do grupo.

Civallero, bibliotecário argentino, publicou em 2007 um levantamento internacional das bibliotecas em comunidades indígenas onde estima-se que existam aproximadamente de 300 a 370 milhões de indivíduos identificados como indígenas no mundo atual. Constatou que os indígenas da América Latina são os

que mais sofrem com a desnutrição, legalização de terras, marginalização e possuem níveis mais baixos de alfabetização e pouco acesso aos serviços sanitários.

2.2 Oralidade e Identidade Cultural

Nas sociedades em que o conhecimento é repassado por meio da oralidade, como entre os Guarani, algumas pessoas são responsáveis pela mediação da tradição. A cultura desta sociedade está perpetuada pela lembrança e por sua transmissão contínua às gerações mais novas.

Segundo Bosi (1994) o velho ao lembrar o passado está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. O ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens.

Os Guarani tem uma grande tradição de oralidade e acreditam na força que as palavras possuem, essa mesma oralidade também foi utilizada como forma de proteção da sua identidade e manutenção das formas culturais que foram sabiamente transmitidas pelas gerações. Algumas estruturas da comunicação informal protegem a memória coletiva que acaba não sendo percebida pela sociedade dominante e mantida no grupo.

As tradições segundo Halbwachs¹ (apud BOSI, 1994) são guardadas e transmitidas pelos velhos que são seus guardiões. Eles as rememoram nas conversas com os outros velhos e quando as ensinam aos mais jovens.

Conforme Melià (2003) as sociedades tem sido categorizadas em escritas ou ágrafas, sendo que as ágrafas são mais definidas pelo que não possuem do que toda a riqueza de sua cultura. Nesta linha de pensamento os ágrafos teriam o dever de se alfabetizar, desvalorizando o valor da palavra, sua harmonia e síntese interior.

Percebendo que o que diferencia a oralidade da escrita é o suporte em que cada uma é transmitida a utilização de uma não aluna a outra, pelo contrário,

¹ HALBWACHS. Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan, 1925.

oferece diferentes opções de acesso a um registro, além disso, a oralidade é viva e presente, pois tem a percepção e inserção do narrador quando está sendo transmitida.

Esta relação da oralidade com a escrita é comentada por Dodebei (2006) quando afirma que a oralidade sombreia a escrita e como resultado reformata a forma como a informação será transmitida na forma escrita, envolvendo a produção, o armazenamento e recepção.

De certo modo, a tradição oral implica o posicionamento filosófico de que o que se transmite é uma forma de verdade, especificamente para o indivíduo que pertence ao grupo social no qual e para o qual o processo de transmissão ocorre. Estar preso ao grupo, identificar-se a ele reforça as tradições e garante a continuidade dos saberes, das crenças e das técnicas de produção de uma dada comunidade. O receptor da herança cultural vai adicionar à memória do grupo a sua própria experiência, reformatando a informação recebida para devolvê-la ao composto da tradição ou do mito.²

A importância dessa oralidade na manutenção da identidade indígena é comentada também por Freire (2004, p.15): “Nessa sociedade sem escola, onde não havia situações sociais exclusivamente pedagógicas, a transmissão de saberes era feita no intercâmbio cotidiano, por contatos pessoais e diretos”.

Embora com todo o processo de imposição da cultura europeia estas sociedades indígenas conseguiram além de manter sua identidade cultural, transmiti-las em seu grupo social e apropriar-se do que foi percebido como importante.

Sobre apropriação cultural Calleffi³, 2002 Apud Hofmann 2004 relata:

[...] o que determina que culturas sejam diferentes entre si é a forma global como elas entendem e constroem o mundo, sua cosmovisão; ainda que uma cultura tome emprestado elementos materiais de outras culturas, isto não deve significar perda de identidade ou descaracterização da cultura, pois o que importa é o significado que é dado àquele novo objeto dentro da cultura que dele se apropriou.

Os processos de apropriação segundo Bergamaschi (2005) traduzem o tornar algo próprio, adequado às necessidades de quem se apropria, mesmo que na origem esse bem não lhe pertença.

² Documento eletrônico.

³ CALEFFI, Paula et al. Um Acampamento Guarani: Passo da Estância. História UNISINOS, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, número especial, p. 307-320. 2002.

Estas comunidades vivem com sua cultura, sua identidade e na maioria das vezes estão cercadas pela cultura dominante do entorno em que estão situadas, podem utilizar-se de algumas manifestações ou costumes, mas isto não significa que estão negando a sua própria cultura.

2.3 Educação Indígena

Segundo Grupioni (2004) a escola, que no passado, era institucionalizada para aniquilar culturalmente os povos indígenas, hoje é um recurso que pode restituir-lhes o pertencimento étnico, resgatando culturas, valores e práticas esquecidas neste longo processo. A escola mesmo sendo uma instituição ocidental pode ser inserida no contexto de uma comunidade indígena que a escolhe acreditando na possibilidade de que com a interculturalidade possa atingir objetivos específicos como .

De acordo com o MEC a educação na escola indígena deve estar localizada em terras indígenas e a sua organização será elaborada pela comunidade baseada em seu contexto social e abordando a cultura, religião, economia e formas de produção do conhecimento. Os materiais didático-pedagógicos elaborados devem abranger a realidade da comunidade (BRASIL).

Nascimento (2003) ressalta que a escolarização na língua materna tem que acompanhar o processo de produção do conhecimento, pois envolve as relações com a oralidade e a escrita, sem que a utilização de uma exclua a outra. Questiona se a escrita conseguirá contemplar toda a representação de mundo e a expressão do pensamento que as comunidades possuem na oralidade.

Além do professor-índio na sala de aula, a participação dos idosos na vida da escola, a elaboração de programas de formação de professores diferenciados bem como de materiais escritos na língua, são recursos necessários para que a escola sirva como apoio para a reafirmação da identidade da comunidade e conquista da autonomia.

Para Brand (2003) com investimentos em formação, o professor indígena poderá contribuir para que a escola seja o espaço de troca de conhecimentos e sirva para apoiar a autonomia da comunidade e de sua coesão interna.

Silva (2003) enfatiza que a interculturalidade na escola indígena deve buscar compreender as relações de contato com a sociedade envolvente e relacioná-la como o saber tradicional da comunidade.

Além dos fatores expostos pelos autores acima, existe também a morte das línguas indígenas e as que já estão ameaçadas de morte. Desta forma, a escola pode servir também como espaço para recuperação, registro, produção e documentação da língua.

Conforme dados coletados pelo Censo Nacional de Educação Indígena publicado pelo MEC (Brasil, 2007) em 2006 estavam matriculados 174.255 alunos em escolas indígenas, que atendem da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Segundo dados da SEC de abril de 2008⁴, no Estado do Rio Grande do Sul existem 49 escolas indígenas, sendo 5 municipais, onde estudam 148 alunos na Educação Infantil, 4.929 no Ensino Fundamental e 377 na Educação de Jovens e Adultos, totalizando 5.454 alunos em escolas indígenas.

Entre os objetivos e metas do Plano Nacional de Educação do MEC estão equipar as escolas indígenas com equipamento didático-pedagógico básico, incluindo bibliotecas, videotecas e outros materiais de apoio e promover a correta e ampla informação da população brasileira em geral, sobre as sociedades e culturas indígenas, como meio de combate ao desconhecimento, a intolerância e o preconceito em relação a essas populações.

2.3.1 Formação de Professores Indígenas

O perfil dos professores indígenas proposto nos Referenciais para a Formação de Professores Indígenas do MEC sugere o desenvolvimento de algumas capacidades e propostas pedagógicas que desenvolvam um professor que seja capaz de, entre outras habilidades, reconhecer e ser reconhecido como pertencente

⁴ Dado fornecido pela Coordenadora da Educação Indígena e Rural da SEC.

à comunidade/povo indígenas em que funciona a escola; ser apoiado e indicado pela comunidade por meio de suas formas de representação política; ser criativo e participar de sua comunidade profissional, trocando experiências com outros professores indígenas e não indígenas; demonstrar interesse pela aprendizagem e desenvolver os tipos de saberes didáticos, pedagógicos, psicossociais, (culturais e políticos) implicados na função; respeitar e incentivar a pesquisa e o estudo dos conhecimentos relativos à sociedade e ao meio ambiente junto dos mais velhos, dos caciques, das lideranças e dos demais membros de sua comunidade.

Desta forma, os próprios indígenas estão buscando a qualificação e habilitação exigida pela sociedade não indígena para que possam ministrar suas aulas em todas as áreas do conhecimento, realizar suas pesquisas com a metodologia científica do ocidental, associadas ao seu conhecimento tradicional e, principalmente, serem gestores e administradores de seus projetos

Buscando formar os professores indígenas o MEC elaborou o Programa de Formação para Professores Guarani das Regiões Sul e Sudeste - *Kuaa Mbo'e* - Conhecer e Ensinar, que tem duração de quatro anos e este ano estará sendo concluído pelos 31 professores Guarani capacitando-os para a educação escolar indígena bilíngüe e multicultural; dos 31 alunos, 14 são de aldeias do Rio Grande do Sul.

No nosso Estado, a Universidade Federal do Rio Grande no Sul (UFRGS), como uma de suas ações afirmativas para a população indígena, implementou o sistema de ingresso por cotas para alunos indígenas, bem como outras instituições de ensino já utilizam sistemas semelhantes de acesso ao ensino superior o que contribui para a formação continuada e especialização dos membros destas comunidades indígenas.

Os professores na escola indígena são os agentes que podem viabilizar a multiculturalidade e diversidade propostos por esta educação institucional, o espaço do saber nesta escola está inserido e contextualizado com toda a história dos sujeitos nele envolvidos e baseados nesta memória viva e presente em cada um dos membros que a escola deve elaborar suas políticas e planos de ensino. Comunidade e escola se diferenciam pelo espaço físico em que estão situadas, mas não estão separadas por cercas, portas ou janelas, fazem parte de um coletivo que possui um objetivo comum que é o de propiciar um espaço que estimule o desenvolvimento de

cidadãos conscientes de seu poder de decisão e atuação e capazes de serem atores ativos e construtores de uma nova fase da história de seu povo.

Recentemente foi aprovada a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígenas em todas as escolas brasileiras, assim como já existe para a cultura afro-brasileira, além de oferecer mais uma área de atuação a estes professores, estimulará a abertura de novos espaços para o conhecimento desta cultura tão próxima e tão distante da grande maioria dos brasileiros, o que colaborará para que a história oficial possa ser contada por todos os povos que dela participaram com a mesma propriedade e principalmente com divulgação e editoração de materiais que dêem publicidade e o reconhecimento da sua atuação e colaboração para a construção da identidade cultural de todos os brasileiros.

2.4 Informação

A informação é necessária em todas as sociedades, independente do suporte em que ela se encontre, ela possibilita a comunicação e a geração de conhecimento. As formas como a informação e a comunicação acontecem variam, mas o princípio básico é o da transmissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor por um canal de comunicação (Guinchat e Menou, 1994).

Conforme Sanz Casado (1994) todos somos usuários de informação pois estamos sempre utilizando alguma informação para a realização de nossas atividades.

Politicamente, a informação possibilita o acesso aos direitos e deveres dos cidadãos, contribui ainda para o crescimento e entendimento das relações do grupo em si e com os outros.

Segundo Barreto (2002) a Ciência da Informação na relação de transferência de informação analisa os fluxos externos ao indivíduo harmonizando as relações, referenciando o homem ao seu destino e possibilitando que ele realize as relações de toda a sua existência desde antes do nascimento.

A informação circula e é gerada e armazenada em fontes formais e informais de informação. As fontes informais são as conversas, os contatos pessoais, conferências, encontros e outros.

As fontes formais de informação materiais podem ser classificadas como primárias, secundárias e terciárias, sendo que alguns autores só consideram a existências das fontes primárias e secundárias.

Segundo Dias e Pires (2004) as fontes primárias são fontes que disponibilizam informações novas ou interpretações de conceitos já estudados (livros, relatórios técnicos, monografias, teses e dissertações, normas técnicas, artigos de periódicos e outros); as fontes secundárias disponibilizam as informações selecionadas conforme um determinado critério ou área em um arranjo definido (enciclopédias, dicionários, manuais, revisões de literatura, anuários, algumas monografias e livro-texto) e as fontes terciárias possuem a função de orientar o usuário para a correta utilização dos fontes primárias e secundária (bibliografias, serviços de indexação e resumos, catálogos coletivos, guias de literatura, diretórios e outros).

As fontes de informação imateriais nas sociedades tradicionais são representadas pelas tradições, costumes, lendas, ritos, locais, saberes tradicionais e outras formas de manifestação da cultura daquela sociedade.

2.4.1 Necessidade de Informação

O comportamento informativo abordado por Wilson (2000), envolve todo o comportamento humano relacionado com recursos e canais de informação disponíveis, desde a busca pela informação até o seu uso. Nesse contexto, a necessidade de informação é uma experiência que só ocorre no cérebro de quem tem a necessidade, por isso o acesso a essa necessidade para a observação não é conseguido diretamente pelo observador, necessita ser analisado juntamente com todas as relações externas que contribuíram para este comportamento.

Gonzáles Teruel (2005) cita que de acordo com a técnica que utilizarmos para investigar os hábitos de informação dos sujeitos poderemos obter como resultado as necessidades de informação desse grupo de usuários ou aquilo que estes percebem como necessário. Compreendendo-se que as necessidades informacionais surgem em um sujeito que não está isolado, mas inserido em um contexto profissional,

sócio-cultural, político-econômico e físico, fica evidente a necessidade de reconhecer o entorno deste sujeito.

Na sua busca pela informação, o usuário poderá encontrar barreiras ou ainda não utilizar um sistema formal, mas recursos pessoais ou a comunicação com outras pessoas. Conforme Dias e Pires (2004, p. 15-16) as barreiras no processo de comunicação podem ser:

- pessoais: desconhecimento e/ou dificuldades do usuário quanto ao uso mais adequado do serviço ou da plataforma tecnológica disponível; julgamentos; emoções; valores; gostos; etc.;
- físicos: fatores ambientais; localização física; barreiras físicas, legais e políticas; disponibilidade de equipamentos;
- tecnológicos: serviços e recursos tecnológicos disponíveis;
- lingüísticos: compreensão de idiomas nacionais e estrangeiros da complexidade da informação e das fontes de informação;
- econômicos: custo;
- informacionais: dificuldades para identificar, selecionar, acessar, utilizar e recuperar informações relevantes entre as inúmeras oportunidades oferecidas.

Um processo de busca de informação envolve o indivíduo com suas necessidades e desejos de informação, a demanda que ele manifesta a um sistema de informação e o uso que ele faz da informação que obtém.

Conforme Gonzáles Teruel (2005), os estudos de usuários de informação buscam identificar como ocorre esse processo e quais serviços podem ser oferecidos para atender as necessidades identificadas.

Figueiredo (1994) destaca que o conhecimento da comunidade onde as bibliotecas públicas operam, envolve vários fatores, demográficos, físicos bem como a complexidade da estrutura.

As comunidades indígenas possuem particularidades próprias da memória coletiva do grupo e ainda buscam objetivos específicos definidos pelos membros deste grupo.

2.4.2 Uso da Informação

De acordo com Lopes (2005), é possível concluir que estudos de comportamento de uso e busca da informação, vêm possibilitando levantar os

indicativos que podem estar afetando o comportamento de seus usuários, já que consideram os contextos nos quais estes indivíduos estão inseridos e características dos diferentes grupos que fazem parte.

Martinez Arellano e Ramires Velásquez (2003), em levantamento realizado no México concluíram que para estudar as necessidades informacionais das comunidades indígenas mexicanas algumas características destas comunidades devem ser levadas em consideração bem como a realidade local, pois a maioria dos indígenas mexicanos procura conhecer mais a cultura nacional do que a local por que a primeira possui maior disponibilidade de materiais, e a segunda possui como suporte de informação a palavra falada mais do que a escrita. Salientam que um dos motivos da baixa oferta de produtos e serviços de informação para estas comunidades é a falta da matéria-prima principal que são os materiais de informação em línguas indígenas (tradução da autora).

O êxito dos serviços de uma unidade de informação está diretamente ligado ao atendimento das necessidades específicas de seus usuários. A elaboração do perfil das necessidades dos usuários de informação permite identificar suas necessidades informacionais e estabelecer estratégias de busca para a recuperação de informações personalizadas de seu interesse, refletindo na satisfação que o usuário poderá apresentar em relação ao oferecimento de um serviço e agir de forma positiva em relação a ele.

Hernández Salazar (1997) relata que o uso da informação obtida pelo usuário é para a satisfação das suas necessidades informacionais; desta forma, o uso da mesma informação tem diferentes aplicações entre os usuários.

Para Figueiredo (1999) vários são os fatores que interferem no uso que é feita da informação, entre eles, a acessibilidade, expectativa do usuário, características cognitivas, sociais e profissionais, atividade profissional e grupo social.

O estudo de uso está relacionado com todo o comportamento informacional e cognitivo do sujeito, entretanto é complexo, pois um uso pode estar sendo feito para satisfazer a necessidade detectada ou ainda por que o indivíduo não possui acesso a outras fontes ou pelo desconhecimento da existência destas outras fontes. Desta forma, identificar os motivos que levam a utilização de determinadas fontes, a frequência de uso e o grau de satisfação com essas fontes e as formas como estão sendo satisfeitas as necessidades de informação do sujeito podem colaborar para o

fornecimento de um acervo adequado e de formas de acesso à TICs que possam colaborar com a satisfação das necessidades de informação.

2.4.3 Serviços e Produtos de Informação para Comunidades Indígenas

A Declaração da IFLA sobre o conhecimento tradicional indígena recomenda que os profissionais da informação colaborem com a elaboração de ações em comunidades indígenas que envolvam os mais velhos, para a transmissão às crianças do conhecimento tradicional que serve para o fortalecimento da identidade étnica da comunidade.

Uma biblioteca em uma comunidade indígena poderá ser classificada em quase todas as tipologias, especializada, comunitária, escolar ou pública, mas especialmente no contexto de uma comunidade que possui uma escola, a proposta da biblioteca escolar poderá atender as suas necessidades.

Conforme o Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Escolares (1999) um dos objetivos da biblioteca escolar é “[...] defender a idéia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia”.

No nosso Estado, a Constituição Estadual de 1988 estabelece o sistema de bibliotecas escolares na rede pública estadual e exigência de bibliotecas na rede escolar privada.

Bonotto (2007, p.162) coloca que “[...] a biblioteca pode ser considerada o coração da escola. É um espaço em que o aprendizado acontece, a cultura se socializa e cresce, além de ser o espaço onde o lazer se concretiza de forma alternativa.”

Correa; Dubas e Silva (2005) realizaram um projeto de implantação de uma biblioteca escolar em uma aldeia indígena Guarani em Santa Catarina definem que:

No caso de uma biblioteca indígena, seu principal objetivo deve ser a preservação e divulgação da cultura desse povo. Essa biblioteca deve oportunizar, no ambiente da aldeia, um espaço privilegiado para recolher e disseminar documentos e informações a respeito deste povo, de suas culturas e tradições, não só por meio de registros bibliográficos, mas

utilizando-se também dos recursos áudio visuais existentes e de toda a gama de informações que circula pelas redes de comunicação eletrônica.

Estas bibliotecas ou serviços de informação podem ainda, participar de redes sociais que abordem e discutam alternativas para o seu desenvolvimento sustentável e o fortalecimento de sua identidade indígena e que respeitem o direito a diversidade única da sua comunidade.

Miranda (2000) coloca como uma das diretrizes para redes de conteúdo nacionais de informação a possibilidade de registrar as expressões culturais, artísticas, religiosas e científicas, em qualquer suporte, nas línguas indígenas e dos povos africanos e de todas as outras nacionalidades que formam a identidade do povo brasileiro.

A atuação do profissional da informação em comunidades que não possuem acesso a sociedade da informação deve ser de colaboração para procurar encontrar meios e recursos que possam possibilitar que esses cidadãos tenham plenas e iguais condições de acesso a informação e aos recursos tecnológicos e que possibilitem a diminuição da brecha digital, essa é uma das funções sociais do profissional da informação.

Lévy, (2007, p.17), expõe a responsabilidade dos intelectuais face às novas tecnologias de comunicação:

De modo mais específico, os intelectuais mantêm as canalizações abstratas do fluxo simbólico: os números e as letras, as imagens e os ideogramas; os diagramas e os gráficos; as grandes narrativas e os rituais; as teorias; as classificações e as cosmologias; sistemas de escrita das idéias e os números [...].

Esses intelectuais propostos atualmente por Lévy nas sociedades indígenas são os idosos, chefes religiosos, Karay (homem) e Kunhã Karaí (mulher), os guardiões da memória coletiva do grupo social, auxiliados pelos professores que atuam como disseminadores deste conhecimento preservado coletivamente.

Canosa (2006) relata a importância das Redes de Rádios Indígenas para a inclusão dessa população que se encontra excluída da Sociedade da Informação, pela facilidade de uso e o alcance territorial que permite, bem como a possibilidade de formação de acervo sonoro gerado com a informação que circula nas rádios.

O registro dos saberes pode ser feito com a combinação de mais de um suporte, escrita, vídeo, fotografias, gravações sonoras, o suporte ideal deve ser

escolhido pela comunidade e pode contribuir para o registro e o armazenamento de uma forma mais completa. Além disto, existem também as tradições e os rituais que são secretos os quais as comunidades querem que continuem somente na oralidade.

2.4.4 Ações de Cultura e Informação Indígena no Brasil

Entre os projetos e ações de preservação e registro da memória indígenas já existentes no Brasil citamos o Centro de Memória do Parque Indígena do Xingu no estado do Mato Grosso onde são utilizadas várias TICs para o registro da história indígena, com o uso de computador, filmadora, gravador, máquina fotográfica e acervo.

Estudando o projeto vídeo nas aldeias realizado em aldeias indígenas, Gallois e Carelli (1995) ressaltam que uma das formas de fortalecimento do grupo é permitir que ele se reconheça, demarcando-se dos outros, construindo sua identidade coletiva. Saliendam que a produção de diferentes modos de ver e de pensar amplia a comunicação e a identificação e também serve de subsídios para comparação. O registro da cultura étnica além de servir como memória da comunidade, também é recurso para disseminação fora do contexto social em que foi registrado.

Freire⁵ relata o trabalho dos professores indígenas do Acre que elaboraram o livro plurilíngüe Ticuna no Alto Rio Negro no estado do Amazonas editado em várias línguas indígenas por 165 autores indígenas. Observa também que uma biblioteca ou centro de informação indígena deverá acompanhar a proposta da escola, ser intercultural e bilíngüe, um local onde a oralidade dialogue com a escrita, complementa que se não for assim será apenas uma biblioteca para índio e não uma biblioteca indígena (tradução da autora).

A Estação Digital Wawã Paju na Aldeia Anguytatua em Rondonlândia no Mato Grosso do Sul da etnia Zoró, que é freqüentada por indígenas de outras aldeias próximas, entre as várias atividades e cursos é realizado o registro da história oral na língua indígena tupi e traduzido pelos indígenas para a língua portuguesa para

⁵ Documento eletrônico.

disseminar o conhecimento da cultura indígena aos não indígenas. Esse projeto é financiado pelo Banco do Brasil.

Entre as ações realizadas pela UFRGS, citamos o Projeto de Produção de Material Didático para Educação Escolar Kaingang desenvolvido com alunos bolsistas e professores da Universidade em Escolas Kaingang; o Programa Conexões dos Saberes: diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares em convênio com o MEC, que atua em aldeias indígenas e comunidades carentes.

Após o conhecimento da comunidade e suas necessidades informacionais, pode-se elaborar em conjunto produtos e serviços que atendam as suas demandas e contribuam para a construção de uma melhor qualidade de vida.

3 METODOLOGIA

A forma como a pesquisa foi desenvolvida, assim como os sujeitos que dela participaram estão apresentados neste capítulo.

3.1 Modelo de Pesquisa

Foi um estudo de caso de natureza qualitativa e quantitativa. A pesquisa buscou por meio do estudo de caso conhecer a realidade delimitada e os fatores que fazem parte da formação do contexto. O estudo de caso “[...] tem por objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade”, Trivinos (1987, p. 110).

3.2 Sujeitos da Pesquisa

O universo do estudo foi composto por todos os professores da Escola, usuários potenciais e efetivos das fontes de informação disponíveis na escola e na comunidade totalizando 12 pessoas. Dentro do universo do estudo não estão incluídos os professores da Escola Estadual Canquerini, que possui um anexo junto à EEEFI *Karáí Nhe`e Katu* e ministram aulas aos alunos do Ensino Médio.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Para o levantamento prévio de dados foram realizadas observações semi-dirigidas especificamente na SEC (APÊNDICE A) e na E.E.I.E.F. *Karáí Nhe'e Katu*, com a finalidade de observar e levantar alguns dados sobre a organização, a quantidade de professores e os recursos disponíveis. Bem como uma entrevista semi-estruturada com a diretora da instituição, constituída de um roteiro básico em apêndice ao final deste projeto (APÊNDICE B).

Buscando atingir os objetivos propostos nesta pesquisa utilizou-se um questionário, elaborado com questões fechadas e abertas (APÊNDICE C) para identificação do perfil dos professores, frequência de uso que fazem das fontes de informação materiais e outras fontes e o grau de conhecimento e satisfação com estas fontes, estudar suas necessidades de informação, os meios de registro e armazenamento da tradição oral e da produção cultural da comunidade e identificar o conhecimento e uso de TICs desses professores.

Foram distribuídos 12 questionários impressos, e para ser considerado válido o estudos estipulou-se obter ao menos 30% de retorno dos questionários, o que totaliza 4 questionários.

Para complementação dos dados qualitativos foram realizadas, ainda, observações assistêmicas, à SEC, à escola e na comunidade, onde se buscou conhecer e observar melhor a realidade, o desenvolvimento da rotina da escola e a consulta às fontes de informação pelos professores. Conforme Lakatos (2007, p. 194) a observação assistemática “ [...] consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas.”

O pré-teste foi realizado com a diretora da escola que também é professora.

3.4 Plano de Análise

Os questionários foram distribuídos e recolhidos pela diretora da escola nos dois turnos de aulas.

Os dados coletados foram tabulados em tabelas e gráficos para exposição dos dados quantitativos. Os dados qualitativos foram analisados com as respostas das questões abertas bem como complementados pelas informações coletadas e observações realizadas e com o auxílio do referencial teórico levantado.

3.5 Limitações do Estudo

A principal limitação encontrada por este estudo foi o pouco conhecimento da língua pela pesquisadora. Um outro limitador é o fato de escola não possuir telefone convencional, ou acesso à internet o que dificulta o contato. Mas estes fatores serviram para que cada ida à Escola, fosse bem aproveitada. Espero poder contribuir com esta pesquisa junto à escola e a comunidade para que os dados levantados sejam utilizados em propostas de futuros projetos que busquem recursos que satisfaçam as necessidades de informação dos professores, da escola e da comunidade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a aplicação dos questionários obteve-se o retorno de seis questionários, o que corresponde a 50% da população, ultrapassando o percentual mínimo estipulado para a validação da pesquisa.

Para a análise dos dados os mesmos foram subdivididos em cinco itens, abordados nas questões abaixo indicadas:

- a) Perfil: questões 1 – 7;
- b) Freqüência de uso e satisfação com as fontes de informação: questão 12;
- c) Necessidades de informação: questões 8 - 9, 14 – 16, 20;
- d) Meios de registro e armazenamento: questões 10 – 11, 13;
- e) Conhecimento e uso de TICs: questões 17 – 19.

Para as questões fechadas foi realizada a tabulação, quantificação e o tratamento dos dados através de percentagem simples, sempre tendo como base o valor absoluto da amostra de 6 professores. Os dados foram organizados em tabelas, gráficos e interpretações, sendo que a escolha por um ou outro sistema representativo levou em consideração a melhor forma de visualização das informações e relações estabelecidas para análise.

As questões abertas foram categorizadas e analisadas, optando por apresentar as citações de trechos descritos pelos sujeitos.

4.1 Perfil dos Professores

A partir dos dados coletados, observa-se que quatro professores possuem idades na faixa dos 40-49 anos e dois professores encontram-se na faixa dos 18-29 anos. A maioria dos professores é do sexo feminino, quatro.

Tabela 1: Idade e Sexo dos Professores

Idade	Professores	%	Sexo	Professores	%
18-29 anos	2	33,33	Feminino	4	66,67
40-49 anos	4	66,67	Masculino	2	33,33
Total	6	100		6	100

O nível de escolaridade está dividido em três professores com curso médio incompleto, curso de magistério, e três professores possuem nível superior completo, cursos de pedagogia e artes.

Quanto aos cursos de formação seminários e palestras, três professores não responderam e os outros três professores indicaram cursos de formação de magistério indígena, magistério formação continuada, palestras para povos indígenas, formação para professores guaranis, curso de formação ensino de jovens e adultos,.

Quanto ao domínio de línguas três professores possuem pleno domínio da fala, leitura e escrita das línguas Guarani e portuguesa.

A língua portuguesa é utilizada por todos os professores com domínio que varia do razoável ao pleno.

Ainda, quanto à língua portuguesa, um professor indicou ter pleno domínio da leitura e bom domínio da fala e da escrita, um professor indicou possuir razoável domínio da fala, leitura e escrita. A língua espanhola é conhecida por um professor com pouco domínio da fala, leitura e escrita.

A língua Kaingang não é dominada por todos os professores e a opção de outra língua foi indicada por um professor, porém não foi indicada qual.

Tabela 2: Professores com Pleno Domínio de uma ou mais Línguas

	Guarani	%	Português	%
Fala	3	50,00	4	66,67
Leitura	3	50,00	5	83,33
Escrita	3	50,00	4	66,67

As disciplinas lecionadas pelos professores foram indicadas como língua guarani, um professor; língua portuguesa, um professor; educação artística, um professor; história e geografia, dois professores; 2ª série, um professor e 3ª série, um professor.

Em relação a quantidade de alunos que os professores desenvolvem as atividades, 4 não responderem, dois professores indicaram 12 alunos e 10 alunos.

O regime de trabalho de 4 dos professores é de 20 horas semanais, um professor indicou 40 horas semanais e um professor não respondeu.

Observa-se que 4 dos professores não possuem outra atividade remunerada, sendo que um professor atua na área de comércio e outro professor respondeu que é líder comunitário na aldeia.

Quanto à frequência a cursos observa-se que os professores estão buscando a formação continuada e a participação em palestras e encontros com outros povos.

4.2 Frequência de Uso e Grau de Satisfação com as Fontes de Informação

Quanto ao objetivo de identificar a frequência de uso e o grau de satisfação com o uso de diferentes fontes de informação pelos professores, os dados coletados foram tabulados e analisados conforme abaixo seguem.

4.2.1 Frequência de Uso das Fontes de Informação

Com base nos dados apresentados na tabela 5 percebe-se que em relação a frequência de uso das fontes nela abordadas, os livros didáticos e os materiais audiovisuais são os mais utilizados, cinco dos professores utilizam semanalmente os materiais audiovisuais e quatro professores utilizam o livro didático diariamente.

Tabela 3: Frequência de Uso das Fontes de Informação

Fonte	Dia	Sem.	Mês	Ano	N. Usa	NR.
Livros Didáticos	4	1	1			
Livros de cultura indígena	1	1		1	3	
Material didático específico	2	3			1	
Livros de literatura	2		1		1	2
Teses, dissertações, monografias	2			1	1	2
Periódicos (revistas, jornais, gibis)	1	2			1	2
Publicações do MEC, SEC, SMED		2			2	2
Material audiovisual		5	1			
Obras especializadas em educação		1	3	1	1	
Obras de referência (dicionários)	1	2			1	2

Legenda: Dia – Diariamente Sem – Semanalmente Mês – Mensalmente Ano – Anualmente
N. Usa – Não usa NR – Não respondeu

As fontes menos utilizadas foram as publicações do MEC, SEC, SMED.

Quanto a frequência de uso diária, os livros didáticos são utilizados por quatro professores; dois professores responderam que utilizam os materiais didáticos específicos da cultura indígena, os livros de literatura e as teses, dissertações e monografias.

As fontes menos utilizadas diariamente foram indicadas como livros de cultura indígena, periódicos e as obras de referência, um professor.

Em relação à frequência de uso semanal, como já foi citado anteriormente, os materiais audiovisuais são utilizados por cinco professores, seguidos pelos materiais didáticos específicos, três professores, e os periódicos, publicações do MEC, SEC e SMED e obras de referência, por dois professores.

As fontes menos apontadas com frequência de uso semanal foram os livros didáticos, os livros de cultura indígena, e as obras especializadas em educação, um professor.

Três professores responderam que utilizam mensalmente as obras especializadas em educação.

As fontes menos consultadas mensalmente foram os livros didáticos, livros de literatura e material audiovisual, um professor.

Com freqüência de uso anual, foram indicados, livros de cultura indígena, três professores, teses, dissertações e monografias e obras especializadas em educação, um professor.

Quanto a não utilização da fonte, os livros de cultura indígena foram indicados por três professores, as publicações do MEC, SEC, SMED por dois professores, material didático específico, livros de literatura, teses, dissertações e monografias, publicações do MEC, SEC, SMED, obras especializadas em educação e obras de referência foram indicados por um professor.

4.2.2 Grau de Satisfação com as Fontes de Informação

Alguns dos dados obtidos com a questão do grau de satisfação com as fontes de informação apresentam resultados aproximados aos levantados na questão anterior quanto a freqüência do uso das fontes de informação, as fontes mais utilizadas diária e semanalmente, livros didáticos e audiovisuais, também foram apontados com a maior média de grau de satisfação.

Tabela 4: Grau de Satisfação com as Fontes de Informação

Fontes	Plena	Parcial	Insatis	Indifer	NR
Livros Didáticos	1	3			2
Livros de Cultura Indígena	1	2	1		2
Material didático específico	1	2	1	1	1
Livros de Literatura	1		1	1	4
Teses, Dissertações, Monografias		1		1	4
Periódicos (Revistas, jornais, gibis)		1	1		4
Publicações do MEC, SEC, SMED		1	1		4
Material Áudio-visual	1	2		1	2
Obras Especializadas em Educação		3		1	2
Obras de Referência (dicionários)	1				5

Legenda: Plena – Totalmente satisfeito Parcial – Parcialmente satisfeito
 Insatis – Insatisfeito Indifer – Indiferente NR – Não respondeu

Em relação aos livros didáticos os professores estão divididos entre plenamente satisfeitos, um professor, parcialmente satisfeitos, três professores e o restante, dois professores não responderam.

O maior grau de satisfação, foi indicado como parcial, por três professores com o livro didático, e as obras especializadas em educação, ainda estão parcialmente satisfeitos, dois professores com os livros de cultura indígena, material didático específico, e material audiovisual. E um professor em relação as monografias, periódicos e publicações do MEC, SEC e SMED.

O menor grau de satisfação foi relacionado aos dicionários, um professor está plenamente satisfeito e cinco professores não responderam.

Com relação a insatisfação com as fontes, a freqüência foi de um professor para os livros de cultura indígena, material didático específico, livros de literatura, periódicos e publicações do MEC, SEC, SMED.

4.3 Necessidades de Informação

Quanto aos hábitos de busca de informação para satisfação das necessidades de informação, o acervo da escola assim como o acervo pessoal são utilizados diariamente por três professores, semanalmente por um dos professores e dois professores não se manifestaram.

Os membros da comunidade são consultados diariamente por um professor, semanalmente por três professores e dois professores não se manifestaram.

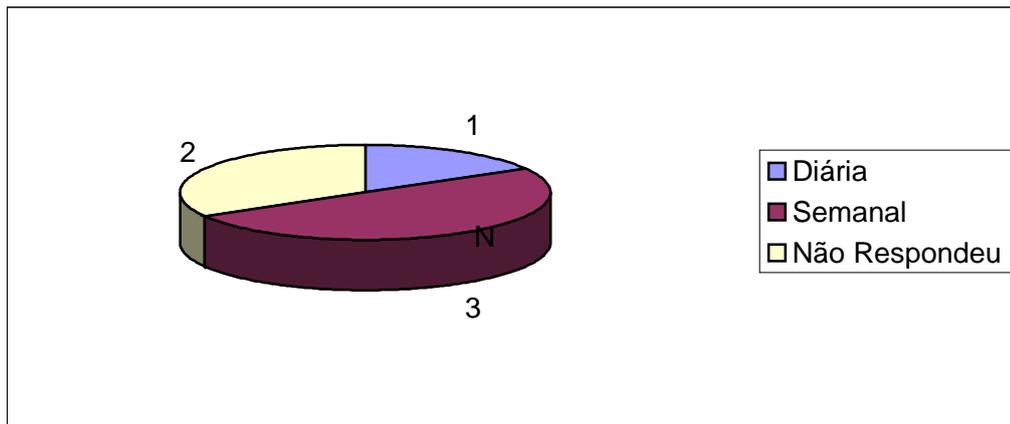


Gráfico 1: Frequência de Consulta a Fonte Membros da Comunidade

Os colegas são consultados diariamente por um professor, semanalmente por 4 dos professores, e um professor não busca informação com essa fonte.

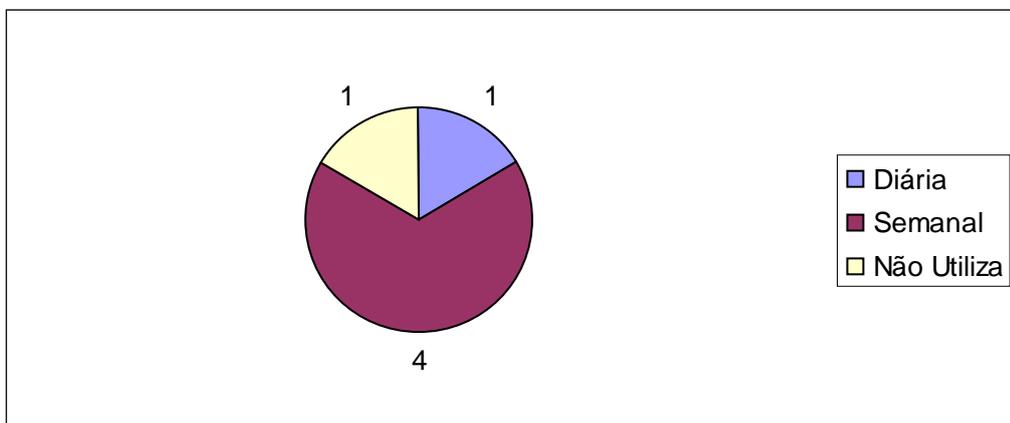


Gráfico 2: Frequência de Consulta a Fonte Colegas

A internet é consultada semanalmente por um professor, mensalmente por um professor, dois professores não a utilizam e um professor não se manifestou. A internet é a fonte menos utilizada, dado que pode ser influenciado pelo fato de a escola não possuir computadores com acesso à internet.

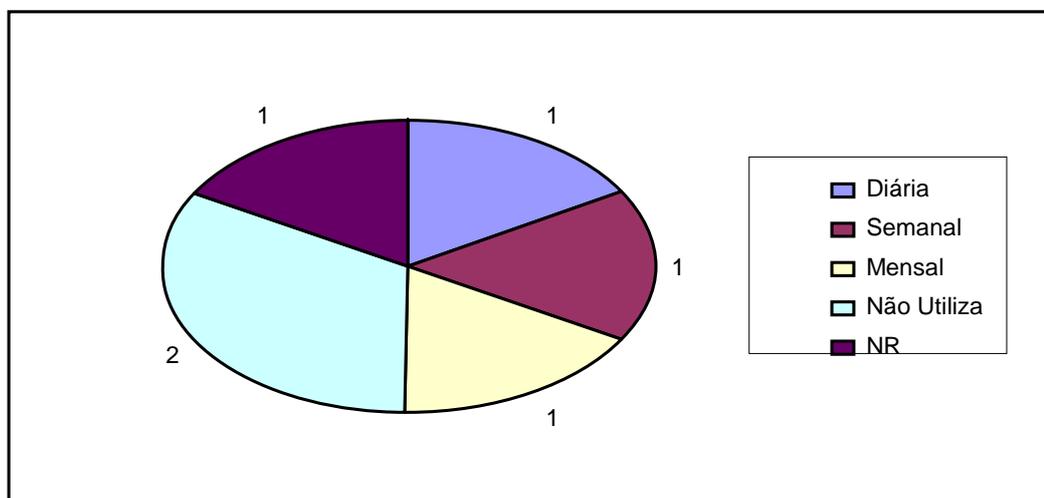


Gráfico 3: Frequência de Consulta a Fonte Internet

As outras consultas foram indicadas como conversa com os mais velhos e jornais, revistas e livros por dois professores, um professor não utiliza outras consultas e três professores não se manifestaram.

As finalidades que demandaram as últimas buscas de informação pelos professores foram preparar a aula e aprofundar os conhecimentos para cinco professores, preservar a memória da comunidade e lazer para três professores e busca solicitada por outros para um professor.

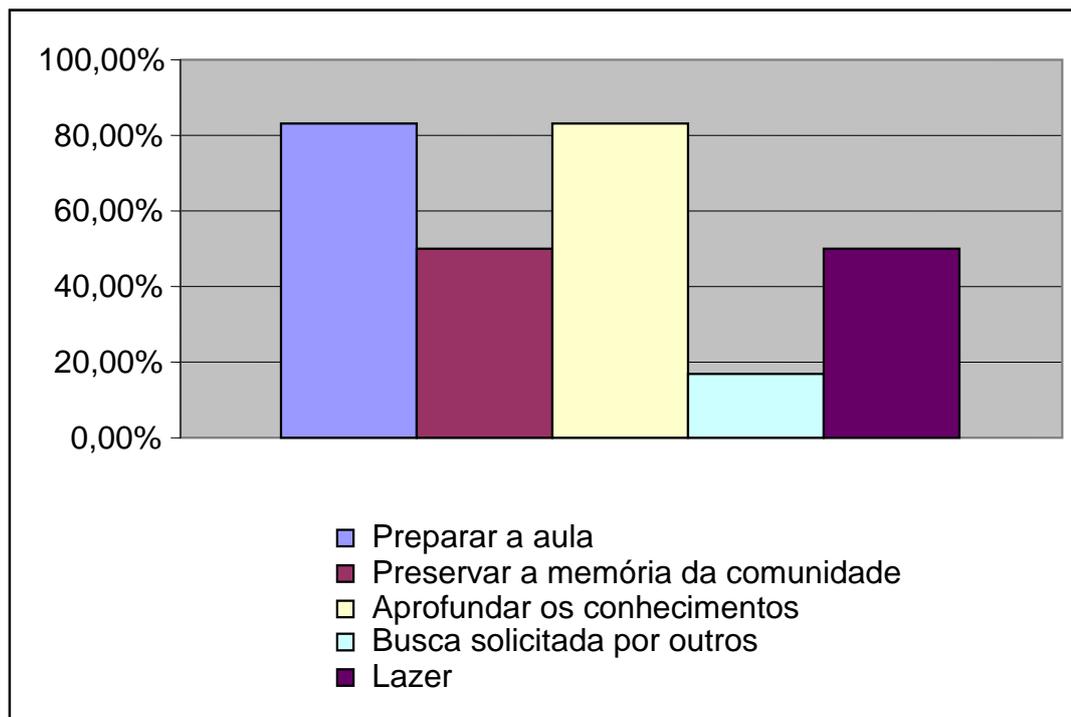


Gráfico 4: Finalidade(s) das Últimas Buscas por Informação

Percebemos nas observações que embora alguns não utilizem ou tenham acesso à internet existe a necessidade e constatação da utilidade deste recurso eletrônico, tanto para satisfação das necessidades pessoais de informação, como do grupo e para a atividade profissional.

4.3.1 Satisfação das Necessidades de Informação

Quanto ao uso do acervo da escola para dar suporte as necessidades informacionais, cinco professores o utilizam com freqüência e o material mais utilizado são os livros, enquanto que um professor não o utiliza justificando por ser carente.

Questionados se localizam a informação que necessitam no acervo, cinco professores responderam que sim, com freqüência e um professore indicou que nunca encontra.

Ao serem consultados sobre o acervo ideal para atender as suas necessidades de informação três professores responderam: informatizado. Foram apontados ainda: laboratório de ciências; internet; dirigido ao dia a dia do aluno.

Em síntese a resposta do Professor C: “ Como é uma escola indígena o acervo ideal deveria ser completo que dê suporte a necessidade de qualquer um da comunidade”.

4.4 Meios de Registro e Armazenamento da Cultura Imaterial

Quanto a questão que solicitou que fosse relatado como são transmitidos os saberes seculares/tradicionais próprios da cultura, como os modos de fazer, as formas de expressão, as festas, os rituais, as celebrações e todas as outras formas de manifestação cultural foram relatados:

Professor E : “ São feitos de acordo com a cultura deles, obedecendo os mais velhos, tudo é de todos, falando sempre o seu idioma quando juntos.”

Professor C: “São transmitidos oralmente”.

Professor B: “Transmitindo a sabedoria. É através de festas, rituais e através de reuniões, encontros, aí que é transmitida a sabedoria”.

Professor A: “Através do desenho”.

Professor F: “São transmitidos através de relatos, vivências, registro escrito das histórias contadas pelas pessoas envolvidas”.

Sobre as formas de registro e documentação dos bens intangíveis transmitidos na comunidade pelos mais velhos:

“Nas aulas de história há o registro das memórias do povo Guarani. A escola te sua política administrativa voltada a preservação destes bens”.

“Que eu veja, não. Os trabalhos apresentados à comunidade é feito oralmente; quando é referido escola X comunidade é registrado através de ata, fotos...”.

“Sendo a escola e a comunidade, sim, é feito documentação ...”

“Através da escrita”.

Na escola, além do registro das atividades, a comunidade também realiza atividades da cultura não indígena adaptando-as às tradições indígenas ou ainda, comparando-as para verificar os resultados alcançados;. por exemplo o plantio da horta comunitária, que é feito uma parte na forma do conhecimento tradicional indígena e outra parte como os não indígenas realizam. A merenda escolar é preparada conforme algumas tradições alimentares indígenas, como arroz e massa mais duros, pão sem fermento e outras que a comunidades optou por utilizar.

Nas observações sistemáticas e conversas também foram relatadas o desenvolvimento de atividades na área de história, com a história do povo Guarani e a história dos *jurua's*. Na filosofia são contadas a história da criação do mundo na cosmologia Guarani e a história da civilização ocidental. As aulas de etnomatemática também são realizadas ao ar livre, na aldeia com propostas de construção do raciocínio e desenvolvimento do conhecimento no ambiente em que fazem parte. O respeito à natureza e ao cosmos está sempre presente na educação Guarani.

Correa; Dubas; e Silva (2005) na implantação do projeto de biblioteca escolar na aldeia Guarani localizado no Morro dos Cavalos em Santa Catarina, relatam que a encadernação de um livro confeccionado por uma professora indígena que resgata a história do povo Guarani foi o primeiro item a ser incorporado ao acervo da biblioteca escolar.

Estas propostas são adotadas em conjunto pela escola e a comunidade, as quais pelos relatos não distinguem-se, pois a presença dos membros da comunidade na escola é constante e vice-versa. Como relatou a diretora da escola, “

[...] “quando tem uma atividade do calendário escolar para o dia das mães, é para todas as mães da aldeia”.

Em relação à elaboração de material paradidático três professores já elaboraram, sendo citados: dicionário guarani-português, cartilha bilíngüe, livros, jogos, textos e desenhos.

4.5 Conhecimento e Uso de Tecnologias de Informação e Comunicação

Em relação ao acesso e uso das TICS, a televisão e as mídias de CD/R-DVD e pen-drive são conhecidos e utilizados por todos os professores com uso que varia de pouco a bem.

O rádio não é utilizado por um professor, quatro professores têm acesso e o utilizam e um professor não respondeu.

Quanto ao acesso e uso da internet, e-mail, MSN, redes sociais e orkut, quatro professores informaram não terem acesso a essas tecnologias. Somente o EAD (Educação Aberta à Distância), foi indicado como desconhecido por um professor.

As TICs que podem colaborar no desempenho das atividades profissionais, pessoais e da comunidade foram relatadas como: internet/computador por quatro professores, televisão, rádio e jornal, telefone por um professor.

Seguem alguns trechos das respostas: “As mais avançadas possíveis; DVD dirigido à artes; tecnologias que dêem informação para a atividade profissional e para a comunidade e que informem o que acontece pelo mundo”.

Quando perguntados sobre quais TICs podem ser inseridas no contexto da educação escolar, três professores responderam “as mesmas informadas na questão anterior, (as apontadas para as atividades profissionais, pessoais e da comunidade). Computadores com acesso a internet e DVD dirigido à artes foram apontados, por um professor.

4.6 Sugestões

Na última questão do instrumento de coleta de dados foi solicitado que os professores fizessem sugestões de alguns serviços de informação que pudessem atender as suas necessidades de informação. Um total de dois professores não responderam esta questão.

Dos professores que responderam, percebe-se que as sugestões são as mesmas detectadas nas questões que abordavam as necessidades de informação na análise de dados: laboratório de informática e de ciências, computadores para os professores trabalharem, internet, jornais, revistas, televisão, rádio e livros didáticos.

5 RESULTADOS OBTIDOS

O objetivo geral deste estudo foi identificar o uso de fontes de informação materiais e intangíveis pelos professores da EEEFI *Karái Nhe´e Katu*.

Com a conclusão do estudo o perfil dos professores foi identificado como dividido entre a faixa de 18 a 29 anos e 40 a 49 anos, a maioria do sexo feminino, quanto ao nível de escolaridade também está dividida em curso médio incompleto e superior completo. Em ambos os níveis 50% dos professores continuam a frequentar cursos de especialização e aperfeiçoamento. A maioria 4 exerce unicamente a atividade profissional de professor, com jornada de trabalho de 20 horas semanais. Todos dominam de razoável a plenamente a língua portuguesa e três professores dominam plenamente a língua Guarani.

Em relação à frequência de uso das fontes de informação, os materiais didáticos e audiovisuais são os mais utilizados, e o livro didático é a fonte mais utilizada diariamente, entretanto os livros de cultura indígena não são utilizados por três professores, esse é o mesmo percentual dos professores que não dominam a língua indígena, relação que pode estar associada a este fato.

No item de satisfação com as fontes de informação o resultado foi semelhante à frequência de uso, os maiores índices somando a satisfação total e parcial, são com os materiais didáticos e audiovisuais.

Quanto às necessidades de informação as buscas são satisfeitas em conversas com os colegas, consultas ao acervo da escola, acervo pessoal e com os membros da comunidade, a internet é a fonte menos utilizada.

Os objetivos das buscas por informação mais apontados foram preparar a aula e aprofundar conhecimentos seguidos da preservação da memória coletiva e lazer.

Em relação aos meios de registro e armazenamento da transmissão da cultura imaterial, foram relatados os mais diversos, festas rituais, desenhos, elaboração de materiais como dicionários, cartilhas, desenhos, a utilização da língua materna sempre que estão juntos. Além destes suportes a presença da comunidade e das famílias acompanhando as atividades escolares também é importante para a preservação da cultura.

O conhecimento e uso de TICs, mostrou que a televisão, CDR, DVD e pen drive são conhecidos e utilizados por todos os professores. A internet novamente foi a menos utilizada, a EAD (Educação Aberta à Distância) foi a única TICs desconhecida por um dos professores.

Uma outra fonte de informação que detectamos como necessária na escola foi a assinatura de um jornal diário.

Os professores e a comunidade demonstraram que utilizam as fontes materiais e imateriais de informação, embora a aldeia, atualmente, esteja habitada por uma população extremamente jovem, reconhecem e querem a participação dos mais velhos em seu cotidiano, haja vista a necessidade que perceberam de construir uma nova *Opy* onde pretendem realizar essas atividades.

Pretendem, assim como seus ancestrais, manter a sua cultura utilizando uma de suas marcas de identidade que é tradição oral, pois o Guarani é a palavra, entretanto reconhecem a necessidade de terem acesso as TICs, para suas atividades diárias e profissionais, bem como a utilidade que o uso dessas tecnologias pode agregar e contribuir para o registro dessa oralidade tão presente nesse grupo social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão indígena é complexa e extensa, nessas sociedades não existe a separação formal dos espaços, todas as questões estão interligadas: terras, ensino, desenvolvimento sustentável, direitos humanos, habitação, saúde, acesso à informação.

As mais diversas áreas do conhecimento estão estudando e apreendendo a conhece - lá, entretanto, com o acesso à informação e a plena garantia do exercício de seus direitos os próprios indígenas estão podendo contar a sua história e ensinar a sua cultura. A formação especializada e o acesso aos meios de comunicação e informação podem propiciar o desenvolvimento de habilidades que propiciem que todos tenham condições iguais para a pesquisa e a formulação de projetos que sirvam para avaliar o que ainda pode ser melhorado.

A interculturalidade presente em nossa sociedade deve servir para a construção e afirmação de culturas diferentes, mas com igualdade e respeito a suas diversas formas de expressão e principalmente com investimentos e políticas públicas em igual proporcionalidade.

Como forma de promoção de acesso à informação na *Tekoá Nhundy*, com os dados coletados sugere-se a implantação de um centro de informação de cultura indígena ou biblioteca comunitária indígena que conte também com um telecentro rural, que poderá servir como espaço para o laboratório de informática com acesso a internet, e como ferramenta para habilitação no Programa Escola Aberta, pois também poderia ser utilizado aos finais de semana pela comunidade externa.

Como a escola está localizada em uma zona rural e não possui ainda telefonia fixa, o recomendado é o acesso com wireless, que é o acesso por ondas ou tecnologia digital. Justifica-se, ainda, esta sugestão com o fato de que os alunos do ensino médio da comunidade logo irão prestar concurso vestibular e necessitam também de uma ferramenta que possibilite o acesso a fontes de informação material que sejam atualizadas, confiáveis e de fácil acesso.

A implantação pode ser possibilitada com a busca de financiamento junto a pessoas físicas e jurídicas da iniciativa privada com a elaboração de um plano de

marketing cultural que viabilize a utilização da Lei de Incentivo à Cultura que permite a dedução de até 100% do valor investido na dedução do imposto de renda devido.

O projeto pode também ser encaminhado ao Ministério da Cultura que oferece o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) implantado com a Lei Federal nº 8.313/1991, que viabiliza a implantação de projetos culturais que busquem a preservação e a difusão do patrimônio artístico, cultural e histórico por meio da construção, formação, organização, manutenção, ampliação e aquisição de equipamentos para museus e bibliotecas

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAs, Joseane. **Glossário de Biblioteconomia e Ciências Afins**: português - inglês. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A Condição da Informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.16, n.3, p.67-74, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8392002000300010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 15 nov. 2007.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo'e. Educação escolar nas aldeias Guarani. **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, n. 1 (61), p. 109-132, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/File/542/378>> Acesso em: 28 nov. 2007

_____. **'Nhembo'e – Enquanto o Encanto Permanece**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BONOTTO, Martha E. K. Kling. Reflexões sobre Biblioteca Escolar. In: SIQUEIRA, Neiva Alves de; XAVIER, Adriana Gonçalves; MEDEIROS, Simone Cristina da S. (Org.). **Saberes Específicos**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Educação, 2007. (Série Conversações Pedagógicas na Cidade que Aprende, v. 3).

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAND, Antonio Jacó. Os Novos Desafios para a Escola e o Professor Indígena. **Série Estudo - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 15, jun, p. 59-70, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Escolar Indígena**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/index.php?option=content&task=view&id=37&Itemid=164>>. Acesso em: 15 set. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo SECAD**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/censosecad.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2008.

_____. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaliiphan>>. Acesso em: 23 mar. 2008.

CANOSA, Daniel. **Rádios Indígenas**: aproveitamento de experiências para desenvolver coleções de áudio em bibliotecas indígenas. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/archive/00013030/01/Radios_ind%C3%ADgenas_Bibliotecas_ind%C3%ADgenas.pdf>. Acesso em 10 out. 2008.

CIVALLERO, Edgardo. **Bibliotecas Indígenas**: revisión bibliográfica y estado actual de la cuestión a nivel internacional. Córdoba (Argentina): Wayrachaki, 2007.

CORREA, Elisa; DUBAS, Sérgio; SILVA, Cláudia. Biblioteca Escolar Guarani um Projeto de Extensão a Serviço da Preservação e Divulgação da Cultura Guarani : relato de experiência. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 241-249, jan./dez., 2005.

DIAS, Maria Matilde Konkra; PIRES, Daniela. **Usos e Usuários da Informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 04, n.08, 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>> Acesso em: 20 out. 2007.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de Uso e Usuários da Informação**. Brasília: IBICT, 1994

_____. **Paradigmas Modernos da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 1999.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **La Presencia de la Literatura Oral en el Proceso de Creación de Bibliotecas Indígenas em Brasil**. Disponível em: <http://trabajaen.conaculta.gob.mx/convoca/anexos/inicio/PublicacionesparaInternet3/2o%20Encuentro/ponencias/Tema%203/Brasil/Tema%203-Jose%20R%20Bessa%20Freire.doc>. Acesso em: 05 abr. 2008.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. *In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis: tempo de novo descobrimento*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004. p. 11-32.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução Geral as Ciências e Técnicas da Informação e Documentação**. 2.ed. corr. aum. Blanquet Brasília: IBICT, 1994.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Um Território ainda a Conquistar. *In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis: tempo de novo descobrimento*. Rio de Janeiro: IBASE, p. 33-56, 2004.

GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. Vídeo e Diálogo Cultural – Experiência do Projeto Vídeo Nas Aldeias. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61-72, jul./set., 1995.

GONZÁLES TERUEL, Aurora. **Los Estudios de Necesidades y Usos de la Información: fundamentos y perspectivas actuales**. Gijón Ast.: Trea, 2005.

HERNÁNDEZ SALAZAR, Patrícia (coord). **Seminário Latinoamericano sobre Formación de Usuarios de la Información y los Estudios de Usuarios**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1997.

HOFFMANN, Ângela Ariadne. **Karái Nhe'e Katu: discussões em torno da escola em uma comunidade Guarani**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Possível do Século XXI. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. n. 33, p.13-20, ago. 2007.

LOPES, Marili Isensee. **A internet e a Busca da Informação em Comunidades Científicas: um estudo focado nos pesquisadores da UFSC**. 2005. 184f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, LACED/Museu Nacional, 2006.

MARCONE, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe, RAMIRES VELÁSQUEZ, César Augusto. **Modelo de Formación para Bibliotecarios de Comunidades Indígenas**. Disponível em: <<http://trabajaen.conaculta.gob.mx/convoca/anexos/inicio/PublicacionparalInternet3/2o%20Encuentro/ponencias/Tema%203/Cesar%20Augusto%20Ram%EDrez/Bibliotecarios%20Ind%EDgenas%20Ponencia%202003.doc>>. Acesso em: 12 set. 2007.

MELIÀ, Bartolomeu. Educação Indígena na Escola. **Cadernos Cedes**. Campinas, n. 49, p.11-17, dez. 1999.

_____. Identidad Étnica Y Educación Escolar.. *In*: VEIGA, Juracilda e D'ANGELIS, Wilmar R. (orgs.). **Escola Indígena, Identidade Étnica e Autonomia**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2003. p. 11-23.

MELLO, Flavia Cristina de. Mbya e Chiripá: Identidades étnicas, etnônimos e autodenominações entre os Guarani do Sul do Brasil. **Revista Tellus**. Campo Grande, ano 7, n.12, p. 49-65, abr. 2007.

MIRANDA, Antônio. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

NASCIMENTO, Adir Casaro. Língua Indígena na Escola: recolonização ou autonomia. **Série Estudo - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande: n.15, p. 39-47, jun. 2003.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de Estudios de Usuários**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introducao a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO/IFLA. **Manifesto UNESCO/IFLA para a Biblioteca Escolar**. 1999. Disponível em:<<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2008.

WILSON, T. D. Human Information Behavior. **Information Science**, v. 3, n. 2. 2000. Disponível em: <<http://inform.nu/Articles/Vol3/v3n2p49-56.pdf>>. Acesso em 15 nov 2007.

GLOSSÁRIO DE PALAVRAS GUARANI

JURUÁ – assim são chamadas todas as pessoas não indígenas, bem como sua língua e seu modo de ser não índio.

JURUÁ REKO – expressão que refere o modo de ser não indígena, a cultura da sociedade não índia.

KARAÍ (homem) KUNHÃ KARAÍ (mulher) – Chefe espiritual responsável pela aldeia Guarani. Coordena os rituais, atribui o nome à pessoa Guarani, é responsável pelas curas, enfim, é o xamã.

KARAÍ NHE´E KATU – nome escolhido para a escola da aldeia da Estiva e, como dizem, é um nome da tradição Guarani.

MBYÁ – parcialidade ou rama Guarani.

OPY – casa tradicional de reza. Lugar sagrado do "estar juntos" espacial e temporal do povo Guarani.

TEKO – revela, explica e regula todos os aspectos da existência, também expresso como modo de ser Guarani, sistema Guarani. A vida Guarani existe como TEKO.

TEKOÁ – lugar bom para o Guarani viver, para construir a aldeia Guarani. Espaço adequado para viver o TEKO.

TEKOÁ NHUNDY: Aldeia da Estiva. Campos abertos.

YVY JU: Caminho da Terra Sem Males. Nome do CD da Aldeia da Estiva.

APÊNDICE A – Roteiro Observação Semi-dirigida- SEC

Instituição:

Funcionário:

1. Onde se localiza a ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA . *Karáí Nhe'e Katú*?
2. Qual seu horário de funcionamento?
3. Como se organiza seu acervo?
4. Qual a formação dos professores que lá desenvolvem suas atividades?

APÊNDICE B – Roteiro Entrevista Semi-estruturada: Escola

Nome:

Tempo de atuação na função:

Formação:

Data:

1. Poderia relatar, o histórico da ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA . *Karaí Nhe'e Katu*?
2. Quem são os usuários dos materiais disponíveis no acervo da escola?
3. Como se dá a aquisição dos materiais didáticos e paradidáticos?
4. Os idosos e a comunidade participam da organização da escola?

APÊNDICE C - Questionário

Prezado(a) professor(a):

O presente questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Nosso objetivo consiste em identificar o perfil, o uso e as necessidades de informação dos professores da Escola Karaí Nhe´e Katu. Para poder realizar essa tarefa, contamos com a sua colaboração e o preenchimento do questionário.

Os dados obtidos serão utilizados unicamente para fins desta pesquisa, não sendo, portanto, necessário identificar-se. Agradecemos sua disponibilidade e colaboração.

- 1 - Faixa Etária 18 – 29 anos 30 – 39 anos
 40 – 49 anos Acima de 50 anos
- 2 - Sexo Masculino Feminino
- 3 - Nível de escolaridade: Fundamental Completo Incompleto
 Médio Completo Incompleto
 Superior. Completo Incompleto
Qual o curso? _____

4 Descreva os cursos, seminários e palestras de aperfeiçoamento que você já realizou ou está realizando:

5 Línguas que domina:

1- Pouco 2 – Razoavelmente 3 – Bem 4- Pleno domínio

Línguas	Fala	Lê	Escreve
Guarani			
Português			
Espanhol			
Kaigang			
Outro: _____			

6 Informe:

Disciplinas e atividades que leciona ou já lecionou: _____

Com quantos alunos você desempenha essas atividades: _____

Regime de trabalho: 20h 30h 40h

7 Exerce outra atividade?

Sim. Qual? _____

Carga horária semanal: _____

Não.

8 Quanto a seus hábitos de busca de informação, você costuma utilizar:

1 – Diariamente 2 – Semanalmente 3 – Mensalmente 4 – Anualmente 5 – Não utiliza

Acervo da Escola

Membros da Comunidade

Colegas

Acervo pessoal

Internet

Outros: _____.

9 Qual(is) foi(ram) a(s) finalidade(s) de suas últimas buscas por informação?

- Preparar a aula
- Preservar a memória da comunidade
- Aprofundar os conhecimentos
- Busca solicitada por outros
- Lazer
- Outros: _____.

10 Como são transmitidos os saberes seculares/tradicionais próprios da cultura, como os modos de fazer, as formas de expressão, as festas, os rituais, as celebrações e todas as outras formas de manifestação cultural?

11 É utilizada alguma forma de registro ou documentação dos bens intangíveis transmitidos na comunidade pelos mais velhos?

12 Utilize a escala abaixo para responder a questão

Frequência: 1 – Diariamente 2 – Semanalmente 3 – Mensalmente 4 – Anualmente
5 – Não utiliza

Satisfação: 1 - Totalmente satisfeito 2 – Parcialmente satisfeito 3 – Insatisfeito
4 - Indiferente

Frequência de uso e satisfação com as fontes materiais utilizadas:

Fonte	Frequência	Satisfação
Livros Didáticos		
Livros de Cultura Indígena		
Material Didático Específico		
Livros de Literatura		
Teses, Dissertações, Monografias		
Periódicos (Revistas, jornais, gibis)		
Publicações do MEC, SEC, SMED		
Material Áudio-visual		
Obras Especializadas em Educação		
Obras de Referência (dicionários)		

13 Você já elaborou algum material paradidático? Qual?

14 Você costuma utilizar o acervo da escola para dar suporte às suas necessidades informacionais?

Sim, com frequência.

Não, por quê? _____.

Quais materiais? _____.

15 Você costuma localizar a informação que necessita, no acervo?

Sim, com frequência Raramente Nunca

16 Como deveria ser o acervo ideal da escola para atender suas necessidades de informação?

17 Quanto as Tecnologias de Informação e Comunicação informe:

1- Nenhum 2- Pouco 3 – Razoavelmente 4 – Bem 5 - Desconheço

Tecnologia	Acesso	Uso
Televisão		
Rádio		
CD/R-DVD/ Pen Drive		
Internet		
E-mail		
MSN		
Redes Sociais		
Orkut		
EAD		
Outro:		

18 Quais as Tecnologias de Informação e Comunicação que podem colaborar para o desempenho de suas atividades profissionais, pessoais e/ou na comunidade?

19 E em relação aos seus alunos, quais tecnologias podem ser inseridas no contexto da educação escolar?

20 Faça suas sugestões sobre alguns serviços de informação que possam atender as suas necessidades informacionais:

APÊNDICE D- Imagens da Escola e da Aldeia⁶



Foto 1: Artesanato confeccionado pelos artesãos.



Foto 2: Acervo e sala de audiovisuais

⁶ Fotógrafa Patrícia Zilles.



Foto 3: Sala de aula



Foto 4: Crianças brincando na aldeia.